

MARKETA LAZARÓVÁ / 1966

um filme de Frantisek Vlacil

Realização: Frantisek Vlacil / **Argumento:** Frantisek Vlacil e Frantisek Pavicek, segundo o romance "Marketa Lazarová" de Vladislav Vancura / **Fotografia:** Bedich Batka / **Música:** Zdenek / **Cenários:** Oldrich Okac / **Montagem:** Miroslav Hajek / **Som:** Frantisek Fabian / **Intérpretes:** Magda Vasaryova (Marketa Lazarová), Frantisek Velicky (Nikolas), Michal Kozuch (Lazar), Pavla Polaskova (Alexandra), Josef Kemr (Koslik), Ivo Paluch (Adam), Harry Studt (velho conde cristão), Vlastimil Harapes (jovem conde cristão), Vladimir Mensik (Bernardo, o monge errante), Karla Chadimova (superiora do convento).

Produção: Barrandov / **Cópia:** da Cinemateca de Praga, em DCP, Scope, preto e branco, versão original legendada em inglês e com legendas eletrónicas em português, 166 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Primeira exibição na Cinemateca: 29 de fevereiro de 1996, no Ciclo Os Tesouros de Praga.

Aquela que é, possivelmente, até hoje a obra maior (entre as que se conhecem, naturalmente) de toda a cinematografia da Checoslováquia. **Marketa Lazarová** é um espantoso "fresco" histórico que talvez só encontre paralelo em filmes como **Andrei Roublev**, de Tarkovski (que lhe é contemporâneo, mas posterior) e **La Passion de Jeanne d' Arc**, de Dreyer, evocando ainda a **Matka Joanna od Aniotow/Madre Joana dos Anjos**, do polaco Jerzy Kawalerowicz e **Jungfrunkullan/A Fonte da Virgem** de Ingmar Bergman. Mas comparado com eles **Marketa Lazarová** aparece como uma obra mais complexa a todos os níveis, quer temáticos quer narrativos. Na verdade o que aqui se desenha de forma perfeita é o conflito que marca a mudança de um tempo, de uma era. **Marketa Lazarová** encena o processo de formação do feudalismo através de um conflito localizado, e que tem por tempo histórico o século XIII.

Frantisek Vlacil não é um desconhecido entre nós. Em 1977, numa das salas do então jovem Quarteto estreava-se um surpreendente **O Vale das Abelhas/Údolí Vcel**, datado de 1967, singular evocação medieval sobre a cavalaria e a vida monástica, e a relação de poder entre a nobreza e o clero. Este filme, severo mas lírico, despojado de qualquer retórica visual, teve, infelizmente, uma brevíssima carreira, não voltando a circular pelas nossas salas, e o fracasso teve como consequência que o filme anterior de Vlacil, e a sua obra mais importante, este **Marketa Lazarová**, nunca chegasse ao mercado português.

Não deixa de ser um facto curioso a escassez de documentação nas várias histórias e dicionários de cinema sobre Vlacil e os seus filmes. Apenas a "Image et Son" se refere a Vlacil e a **Marketa** no seu número especial sobre o cinema checoslovaco em 1969, e é daí que tiramos os elementos informativos sobre o realizador e o filme. **Marketa Lazarová** era já um velho projecto de Vlacyl. O romance de Vladislav Vancura é uma obra chave da literatura checa. Segundo Vlacyl, Vancura, nascido em 1891 e fuzilado pelos nazis em 1942, "renovou a língua checa. Deu-lhe as suas cartas de nobreza; fez dela o que é hoje". O seu romance **Marketa Lazarová** foi publicado em 1931. Vlacyl conhecia-o desde o tempo do liceu, mas foi o seu colaborador Frantisek Pavicek que lhe sugeriu a adaptação. Segundo Vlacyl parecia fácil a adaptação quando o releu, mas as primeiras

tentativas mostraram que se tratava de um osso duro de roer. O projecto levou tempo a amadurecer e a adaptação vai incluir situações e personagens que se encontram noutra obra de Vancura, uma série de "quadros" da história que ficaram incompletos com a sua morte. Daí vem o personagem do monge errante, Bernardo. Recebendo luz verde em 1964, Vlacyl e Pavicek trabalharam durante um ano no argumento e quase dois anos nas filmagens, em condições extremamente rigorosas (o inverno) e quase tudo em exteriores. O resultado é isto a que Vlacyl chama um "filme-Ópera, um fresco épico". Não são frases de "efeito". Desde **Aleksandr Nevski** (outro dos grandes "parentescos" de **Marketa Lazarová**) que a música não tinha um papel "desmedido" na narrativa cinematográfica, fazendo muitas das tentativas posteriores parecerem pobres cacofonias.

Marketa Lazarová é um filme que exige um certo esforço por parte do espectador. Principalmente durante a primeira meia hora em que a sucessão de cenas parece ter um sentido confuso. O espectador leva tempo a "organizar" mentalmente o esquema que lhe é proposto (mas seja dito em verdade que, quando o consegue é suficientemente recompensado, pela deslumbrante sinfonia que se "solta" das imagens e da narrativa) devido a uma montagem que abole as ideias clássicas da narração cinematográfica. Note-se que o filme aparece em plena proliferação das experiências trazidas por uma nova geração, da França (Godard) ao Brasil (Glauber Rocha), da Itália (Bertolucci) à Checoslováquia (Vera Chytilova). Aliás **Marketa Lazarová** é um filme inteiramente marcado por essa forma de fazer cinema, com a força barroca de um **La Dolce Vita** e o anarquismo narrativo de um **Les Carabiniers** de Godard ou um **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, de Glauber Rocha. Estes dois últimos terão mesmo um reflexo bastante mais forte devido à forma como abordam a história. Como este cinema "novo" Vlacyl abdica também de qualquer pontuação clássica na narrativa. Sem fusões ou encadeados o espectador distraído perde-se no emaranhado da narrativa que não respeita a ordem cronológica (recorde-se que mesmo **Citizen Kane** tem uma "cronologia" exacta, a da investigação do jornalista), nem a "divisão" de um flash-back em relação ao "presente", ou o delírio (e o sonho) com a realidade. Tudo é aparentemente "idêntico" e só a "leitura" do espectador permite fazer a diferença (deveria antes dizer a "releitura").

Marketa Lazarová mostra-nos uma Idade Média sem "glamour". O filme mostra-nos o confronto entre duas formações sociais e os respectivos suportes ideológicos (aqui religiosos). Os bandos (clãs) bárbaros vivendo do saque e da rapina, pela lei da força, e uma organização social nova que procura impor-se, subordinada a um poder central, o rei. Um momento chave é aquele em que o capitão Pivo pede a Koslik "o bode" que se renda e a resposta deste referindo-se ao "direito do rei" e o "direito da guerra". A nova organização é necessária para que a nova classe possa desenvolver-se assim como o seu trabalho. É o que representa Lazar, o mercador, vítima das rapinas de Koslik e que procura a segurança à sombra do pendão real. O confronto social tem como "duplo" o religioso. Ao paganismo primitivo procura impor-se o cristianismo já "transformado" em ideologia do novo Estado, com o personagem do jovem conde previsto para ser nomeado bispo, raptado por Koslik e "escravo" apaixonado de Alexandra. A este cristianismo "oficial" junta-se outro, ele também "primitivo", personificado pelo monge errante, Bernardo. No meio deste multidão, Marketa, filha de Lazar, simboliza a transição mas não a resolução dos conflitos. Uma voz *off* final conta que os dois filhos gémeos (de Marketa e Nikolai) materializarão a mesma dualidade.

Marketa Lazarová surge-nos, hoje, como o terceiro lado de um triângulo que redefine a "paisagem" de um verdadeiro cinema "histórico", sendo os outros dois **Teni Zabytykh Predkov/"A Sombra dos Antepassados"**, de Paradjanov, e **Andrei Roublev**, de Tarkovski. Por coincidência (?) são de produção quase simultânea, entre 1965 e 1967.

Manuel Cintra Ferreira